

EDITORIAL

A Revista de História da Universidade Federal da Bahia retoma orgulhosamente os seus trabalhos. Com um novo corpo editorial formado por estudantes do Programa de Pós-Graduação em História,¹ acompanhados por Felipe Azevedo Souza, bolsista de Pós-Doutorado do programa PNPd/CAPES, e orientados pelo professor Moreno Laborda Pacheco.

A retomada das atividades com um novo conselho editorial foi acompanhada de novos aprendizados, que vão desde o contato com o sistema *Open Journal Systems*, que abriga a revista, até iniciar a divulgação dos trabalhos. Trata-se de um desafio para nós estudantes, que estamos no processo de elaboração de nossas dissertações e teses. Porém, é um esforço compensador.

Na nova revista buscamos retomar a iniciativa original de protagonismo estudantil na elaboração de um meio de divulgação de trabalhos acadêmicos. A revista começou em 2009 e foi idealizada por estudantes do Centro Acadêmico Luiza Mahin. O desejo de aproximar a produção da graduação e pós-graduação estava latente naqueles que planejavam a revista, assim como almejavam agitar a historiografia baiana com novas produções. Desde 2009 até o presente momento, foram publicados 10 números da revista (já contando a atual edição). Destacamos a presença de pesquisadores como Alan Passos, Alex de Souza Ivo, Ana Aparecida Gonzaga da Silva, Cândido Eugênio Domingues Souza, Ediana Ferreira Mendes, Fábio Baqueiro Figueiredo, Flávia Lago Pereira, Igor de Carvalho Gonçalves da Costa, Jacira Cristina Santos Primo, Moreno Laborda Pacheco e Rafael Davis Portela, que figuraram entre os editores ao longo do período citado.²

1 O corpo editorial é formado por mestrandos e doutorandos das três linhas de pesquisa do PPGH-UFBA: Daniel Vital Silva Duarte, Marina Leão de Aquino Barreto, Milena Pinillos Prisco Teixeira, Rafael Sancho Carvalho da Silva, Renata Ferreira de Oliveira e Valney Mascarenhas de Lima Filho.

2 Neste período o conselho editorial contou com outros pesquisadores que também deram importantes

Neste número de retomada, apresentamos uma entrevista do brasilianista James Naylor Green, na qual se discutiu o momento político no Brasil desde as eleições de 2018, a emergência de novos autoritarismos, bem como os estudos sobre a ditadura militar e a história e memória do movimento LGBT brasileiro.

Contamos com artigos que discutem a subalternidade e seus processos de esquecimento, como *“De pié pues los hombres de color”: o processo de invisibilidade do negro em Buenos Aires e o discurso antissegregacionista do periódico afro-portenho La Broma (1879-1882)*, de Igor Fernandes Justino. A partir do periódico portenho “La Broma”, o autor tenta compreender de que forma a presença dos afro-argentinos foi sistematicamente tornada imperceptível na política e, depois, na história do país. A mesma perspectiva está presente no artigo de Gabriel Felipe Silva Bem, no artigo *Resistências e colaborações africanas em dois relatos de viagens em Angola no século XIX*, que problematiza o binômio colaboração e resistência por meio de dois relatos de viagem oitocentistas, indicando que os dois conceitos são, por vezes, apresentados de forma demasiado reducionistas, e que mesmo entre os que parecem cooperar com o sistema de dominação, havia espaço para resistências.

O Brasil foi objeto de reflexão dos dois trabalhos seguintes, também refletindo sobre participação na política e relação com o Estado. Osnan Silva de Souza, em *“O Povo Tem Fome”: Uma reflexão sobre a fome em Salvador na Primeira República*, intenta refletir de que maneira o povo se organizou politicamente para protestar contra a falta de gêneros alimentícios durante o período oligárquico da primeira república em Salvador. O artigo seguinte, de Rosana Maria dos Santos, intitulado *Disputas e legislações no carnaval do Recife (1955-1964)*, também apresentou uma perspectiva local, mas no período da terceira república: as maneiras como o Estado e diferentes grupo de interesses ligados a elite recifense utilizaram-se da festa para propor uma nova identidade local, tentando domar aquilo que chamavam de “monstro popular”.

Debatendo as relações de gênero na Grécia Antiga temos Alexandre Bartilotti Machado e Márcia Maria da Silva Barreiros com o artigo *Uma leitura do feminino na Odisseia: o caso de Penélope e o perfil da mulher helênica pré-socrática*, no qual analisam

contribuições para a formação da revista. Além dos já citados que figuraram como signatários dos editoriais é importante lembrar de: Ana Flávia Magalhães Pinto, Ana Magda Mota Carvalho Cerqueira, Andrielle Antonia dos Santos de Jesus, Antonio Evaldo Almeida Barros, Bruno Casseb Pessoti, Bruno de Oliveira Moreira, Carlos Francisco da Silva Jr., Cássia Daiane Macedo da Silveira, Daniel Rebouças, Daniele Santos de Souza, Denise Pereira da Silva, Diana Santos Souza, Diogo Trindade Alves de Carvalho, Fabrício Lyrio dos Santos, Fernanda do Nascimento Thomaz, Gabriel da Costa Ávila, George Evergton Sales de Souza, Izabel de Fátima Cruz Melo, João Pedro de Oliveira Gomes, Joana Medrado Nascimento, Jonas Brito, Leonardo Coutinho de C. Rangel, Lucas Nunes Stazi, Lucas Ribeiro Campos, Maciel Henrique Carneiro da Silva, Marcos Vinícius Santos Dias Coelho, Maria Sarita Cristina Mota, Marina Leão de Aquino Barreto, Muniz Gonçalves Ferreira, Natalia de Santana Guerellus, Nielson Rosa Bezerra, Paulo Cesar Oliveira de Jesus, Rafael Pedral, Rebeca C. Sousa Vivas, Rebeca Sobral Freire, Ricardo José Sizilio, Robério Santos Souza, Sérgio Armando Diniz Guerra Filho, Toby Oliver Ray Green, Vanderlei Marinho Costa, Zelinda dos Santos Barros.

o texto homérico para entender de que maneira se representou a mulher da Grécia arcaica, responsável pela manutenção do *oikos* - isto é, da casa, da família, das tradições - em contraste com a *areté*, a excelência masculina associada à aristocracia por meio do rei-herói.

Por fim, a resenha de Rafaela Almeida Leovigildo Franca apresenta ao leitor o livro *Paradigmas de Papel: A escrita e a edição de “vidas” de santos e de “vidas” devotas em Portugal (séculos XVI – XVIII)*, resultante da tese de Paula Almeida Mendes e que discute hagiografias, representações da santidade e os componentes que viabilizaram estas vidas, sobretudo no contexto pós-tridentino.